

**“Segurança alimentar, proteção familiar e pensando no futuro do nosso planeta”:  
Narrativas de produtores agroecológicos na cidade de Pelotas e Canguçu no contexto de  
pandemia<sup>1</sup>**

Lais Schillim da Silva,<sup>2</sup> UFPel

### **Resumo**

O presente trabalho busca entender os motivos que levam produtores rurais a adotarem a produção agroecológica, tendo seu recorte geográfico nas cidades de Pelotas e Canguçu. Realizando uma breve contextualização histórica sobre a agricultura com viés capitalista, indica a insuficiência do modelo pautado no agronegócio e sua contribuição na disseminação da pandemia de COVID-19. Por meio da análise das entrevistas de história oral temática, traz depoimentos de produtores ecológicos, que relatam as mudanças positivas que acompanham esse modo de produção. Procura apontar a necessidade da construção de estudos mais democráticos sobre agricultura, que enfatizem as vivências de produtores e suas demandas sociais, alimentares e ambientais.

**Palavras-chave:** Agricultura; Agroecologia; História Oral; Pandemia; Agronegócio.

### **Abstract**

The present article aims to understand the reasons that lead rural producers in the cities of Pelotas and Canguçu to adopt an agroecological way of production. A brief historical contextualization about agriculture with capitalist bias was carried out. It indicates the insufficiency of the model based on agribusiness and its contribution to the dissemination of the COVID-19 pandemic. The analysis of thematic oral history interviews enabled the ecological producers to report the positive changes that accompany this mode of production. The research seeks to point out the need to build more democratic studies about agriculture that emphasizes the experiences of producers and their social, food, and environmental demands.

**Keywords:** Agriculture; Agroecology; Oral History; Pandemic; Agribusiness.

### **Introdução**

A agricultura ao longo da história recebe diversas apropriações. A forma como o solo é manejado dialoga com transformações e adaptações dos ideais de cada sociedade. O período que concerne às mudanças que permanecem presentes na forma contemporânea de agricultura, remonta ao que conhecemos como Revolução Verde que incorpora ao campo as inovações químicas e tecnológicas advindas da Segunda Guerra Mundial. As resoluções capitalistas de uma sociedade pautada na industrialização viam a agricultura intensiva como fundamental na obtenção de “[...] alimentos para a mão-de-obra necessária ao setor urbano-

---

<sup>1</sup> Este artigo é fruto do Trabalho de Conclusão de Curso: SILVA, L. S. **“O trabalho com a natureza é puxado, mas compensa”**: Narrativas de produtores agroecológicos na cidade de Pelotas e Canguçu. 2020. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em História Bacharelado) - Instituto de Ciências Humanas, Universidade Federal de Pelotas, Pelotas, 2020.

<sup>2</sup> Mestranda do Programa de Pós-Graduação em História na Universidade Federal de Pelotas.

industrial que se consolidava” (ASSIS; ROMEIRO, 2002, p. 70). Para alcançar uma alta produtividade, os agroquímicos entram como fator fundamental para o sucesso dessa empreitada. O químico Justus Von Liebig estipula a chamada “lei do mínimo” que possibilita calcular os nutrientes minerais dos quais as plantas necessitam para acelerar o seu crescimento. Os ciclos de plantio acabam sendo foco dessas tecnologias que visam sua superação, mediante de alta adição de produtos químicos. Com essa nova forma de produção, busca-se incorporar ao senso comum que os recursos naturais poderiam ser livremente extraídos, sendo a tecnologia capaz de suprimir os efeitos negativos ao meio ambiente (ASSIS; ROMEIRO, 2002, p. 70).

A principal premissa que ampliou a aceitação desse modelo foi pautada na solução da fome mundial, pois com a alta produtividade proporcionada pelos agroquímicos, haveria uma maior disponibilidade alimentar. De fato, nos anos seguintes à implementação das monoculturas, houve crescimento. Os anos de 1950 e 1984 presenciaram um aumento de 40% na disponibilidade alimentar de cada habitante (ASSIS; ROMEIRO, 2002, p. 70). Resultados que logo foram acompanhados por alterações climáticas que até então não haviam causado preocupação. Em 1985, o declínio na produção, acompanhado pelos novos problemas ambientais já indicavam a insuficiência das monoculturas. Em 1970, surge a agroecologia como forma de estabelecer base científica de enfrentamento aos danos causados pela agricultura convencional. Por intermédio dela, debates pautados no êxodo rural ganham espaço, devido à incapacidade de pequenos produtores se adaptarem aos avanços tecnológicos exigidos pelo mercado capitalista. Mesmo com o advento da agroecologia e com o reconhecimento da existência de práticas sustentáveis de cultivo do solo, a regra geral da agricultura moderna ainda é pautada nas crenças do modelo agroquímico. A emergência das discussões sobre segurança alimentar, frente ao contexto pandêmico, alertam para a urgência de direcionar nosso olhar aos depoimentos de pequenos agricultores, que há anos realizam o cultivo dos alimentos.

### **Agronegócio e COVID-19**

A hegemonia do agronegócio é alcançada contando com alguns fatores essenciais para sua continuidade. Por meio de estudos enfocando o caráter dos investimentos realizados no setor, percebe-se que o estado destinou em 2014/2015 no Plano Agrícola e Pecuário o total de R \$156,1 bilhões em financiamento, já para a agricultura familiar foram destinados R \$24,1 bilhões (CHÃ, 2018). Esses valores desiguais acabam por demonstrar que o setor recebe

investimentos públicos visando seu crescimento. As grandes empresas multinacionais por trás das monoculturas transformam o capital acumulado em poderes políticos, assim os possíveis percalços são contabilizados nos investimentos públicos realizados no setor (WALLACE, 2020). E quais seriam esses percalços?

Ao implantarem monoculturas, os agroecossistemas são profundamente afetados por essa simplificação da produção. Em outras palavras, a diversificação de cultivos é essencial para a existência de um meio ambiente saudável (PASCHOAL, 2019). O agronegócio causa um esgotamento dos recursos naturais disponíveis em cada área, no entanto, possui o capital e a tecnologia necessários para implantar novos tipos de cultivos, importando sementes e plantas de outros países. Ao introduzir essas novas plantações, força o pequeno produtor a se equiparar tecnologicamente ao seu modelo. Já que junto com essas introduções ocorrem novas pragas, que demandam novos produtos químicos para serem eliminadas (PASCHOAL, 2019). É de conhecimento científico que o aditivo de agrotóxicos em alimentos vem causando constante crescimento de problemas de saúde em quem consome estes produtos (HIGASHI, 2002). Se contabilizados os danos ambientais e sociais que são causados pelo modelo industrial de cultivo do solo, o setor não conseguiria sair da situação com margem de lucro (WALLACE, 2020).

Com a promessa de solucionar o problema da fome, em uma sociedade cada vez mais populosa, o agronegócio investiu em propagar sua (falsa) imagem ecológica (CHÃ, 2018). O chamado “Capitalismo Verde” vem investindo na capacidade de sustentabilidade e solução dos problemas alimentares presentes no agronegócio. De 1985 até 2019, o Brasil sofreu uma perda de 10,25% de seu território nacional, sendo o setor da agropecuária responsável por 90% do total.<sup>3</sup> Além desses danos, as pequenas propriedades do entorno também sofrem as consequências desse modelo, seja nos casos de contaminação indireta de suas águas e plantações, ou pela necessidade de adequação às formas de produção. Quando uma semente geneticamente modificada é inserida no mercado, junto dela são necessários para seu cultivo inúmeros agrotóxicos, visando seu crescimento e posterior manutenção das plantações (PASCHOAL, 2019). É impossível ao pequeno produtor a adequação constante às novas tecnologias, o que acaba causando um empobrecimento rural.

A alta produtividade do setor é direcionada visando manter um “papel de provedor de commodities agrícolas e de outros produtos provenientes do campo para exportação [...] esse continua a ser o lugar reservado ao Brasil [...]” (CHÃ, 2018, p. 42). Ou seja, a produção

---

<sup>3</sup> Fonte: Map Biomas Brasil. Disponível em: <https://mapbiomas.org/> Acessado em: 06/10/2020.

brasileira de alimentos enfoca a manutenção da condição periférica de um país agroexportador, em processo de rápida desindustrialização, pautado em relações de dominação colonial. Nos anos de 2017-2018, segundo o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), 10,3 milhões de pessoas vivenciaram uma severa privação de alimentos, de 68,9 milhões de domicílios brasileiros, 36.7% se enquadraram em graus de insegurança alimentar, no total esses dados atingem 84,9 milhões de indivíduos.<sup>4</sup> Logo, a principal premissa utilizada pelo agronegócio, a solução da fome, anos após a implantação de monoculturas ao redor do globo, ainda se encontra como problema não resolvido, e em estado de agravamento.

E no tocante à pandemia de COVID-19, o papel de colaborador do agronegócio acaba por marcar seu lugar. O modelo industrial de cultivo de alimentos e os desequilíbrios ambientais causados pelas fábricas de aves, bovinos, suínos e a piscicultura são extensões desse sistema. A partir da globalização dos produtos e da maior escala de produção, o transporte de animais (vivos ou mortos) através de grandes distâncias cria locais de interação de patógenos e ambientes favoráveis à disseminação de doenças (WALLACE, 2020). Além disso, as vastas quantidades de territórios que a criação de animais confinados demanda, causam o desmatamento e a perda de *habitats* naturais de animais selvagens. Logo, as barreiras naturais no controle de vírus em potencial são perdidas, e novamente criam-se zonas de interação, com animais selvagens acabando por adentrar as áreas onde se encontram animais confinados (WALLACE, 2020). O impacto social destes acontecimentos deve ser levado em consideração, já que a cada introdução de novas indústrias – sejam elas monoculturas ou grandes fábricas – redesenham os ambientes de populações que veem suas relações sociais serem desmanteladas. Desse modo, aqueles que perdem seus direitos sociais e trabalhistas passam a constituir nichos de pobreza, com indivíduos suscetíveis a contrair doenças, não conseguindo respaldo de um sistema de saúde igualmente precarizado (WALLACE, 2020).

O trabalho não pretende se alongar no que tange os efeitos danosos do agronegócio, sendo o objetivo apenas demonstrar algumas das falhas presentes neste sistema. A insustentabilidade que acompanha nossa forma de cultivo do solo se mostra nas formas de produção pautadas em uma lógica predatória dos recursos naturais, sendo tudo transformado em mercadoria e na destruição dos direitos sociais dos trabalhadores. (ANTUNES, 2000).

---

<sup>4</sup> Fonte: IBGE. Disponível em: <https://agenciadenoticias.ibge.gov.br/> Acessado em: 06/10/2020.

### **Agroecologia e História Oral**

A agroecologia, como forma de cultivo do solo, não se extingue quando as monoculturas são implantadas como regra. Portanto, a conotação científica dada ao termo ocorre a partir dos anos 70 (HECHT, 1989). É de suma importância enfatizar que a prática agroecológica vai muito além da não utilização de agrotóxicos ou químicos durante o processo de cultivo (CAPORAL; COSTABENDER, 2004). A agroecologia busca resgatar conhecimentos que são descartados pela agricultura moderna, e utiliza ciência e tecnologia para criar agroecossistemas que sejam o mais semelhantes aos ecossistemas naturais (GLIESSMAN *apud* ASSIS; ROMEIRO, 2002). Ou seja, a apropriação dos conceitos e adequação do sistema capitalista, para com o produzir ecológico não se materializaram na solução do problema central. Alguns passos devem ser tomados para que se superem as desigualdades sociais no campo, e uma adequação do agronegócio ao produzir ecológico continuaria a causar danos ambientais. O fazer agroecológico deve ir a fundo nos processos de produção, adentrando nas etapas de circulação das mercadorias e dando continuidade a um processo de mudança dos mecanismos de exploração social, que são características de uma sociedade em que as transações são mediadas por valores mercadológicos de troca (SEVILLA GUZMÁN, et al 2000).

A prática da agricultura é parte de um processo social, que integra sistemas econômicos. Logo, um enfoque que somente leve em consideração uma troca de base técnica da agricultura, levará ao surgimento de novas relações sociais ou a um novo tipo de relação entre humanidade e meio ambiente (COSTABENDER et al., 2009). Portanto, deve recair sobre as experiências de pequenos produtores rurais a busca por alternativas mais eficientes. Utilizando-se de vivências de agricultores ecológicos, elaborar propostas de ações sociais coletivas, que enfatizam a lógica predatória do modelo agroindustrial que vem se mantendo hegemônico, se mostra essencial. Somente desta maneira, a construção de uma agricultura socialmente justa, e economicamente viável pode ser pensada nos moldes ecologicamente apropriados (GUZMÁN CASADO et al., *apud* SEVILLA GUZMÁN, 2002).

É essencial que saberes populares se aliem a interdisciplinaridade para que sejam o guia da agroecologia, criando uma ampla esfera de análise, consolidando uma “base epistemológica que reconhece a existência de uma relação estrutural de interdependência entre o sistema social e o sistema ecológico (a cultura dos homens em coevolução com o meio ambiente)” (CAPORAL; COSTABENDER, 2004 p. 17). Logo, pensar a história oral como ferramenta de análise e colaboração para esse saber é de grande importância. De acordo com

Meihy (2006), o objetivo da história oral é a transformação, não imediata, mas presente em cada etapa de elaboração do projeto. Todas essas etapas devem se comprometer com a mudança.

O uso de fontes orais suscitou debates sobre seu caráter de fonte histórica e teórico metodológica, sendo inúmeras as produções sobre o assunto (ALBERTI, 1996). O uso das fontes orais, seguido de rigorosos métodos de análise e crítica documental, instiga o pesquisador a ir além das simplicidades históricas de um acontecimento, alcançando também a memória destes (ALBERTI, 1996).

Ou seja, a história oral permite não apenas compreender como o passado é concebido pelas memórias, mas principalmente como essas memórias se constituíram. [...] E tomar a memória como fato permite entender como determinadas concepções do passado se tornaram coisas, sem o que as explicações do presente permanecem insuficientes (ALBERTI, 1996, p. 9).

Em concordância com Alberti, Meihy (2006) reitera que o campo da história oral está sempre em constante avaliação. No mesmo texto o autor coloca que o futuro do campo é incerto, por isso devemos guiar possíveis reformulações no âmbito das pesquisas, valorizando o saber universitário e integração desse saber na prática social. O presente trabalho se desenvolve em um contexto pandêmico, em que as entrevistas foram realizadas a distância. Sendo assim, as discussões acerca das possibilidades da prática da história oral ganham nova dimensão, agora com seu enfoque direcionado para o âmbito das entrevistas *online*. O papel da *internet*, assim como suas possibilidades, limites de uso e seus impactos na pesquisa científica já eram motivos de discussão no campo.

Alguns pontos vêm sendo destacados sobre as vantagens das entrevistas a distância, como a diminuição dos valores necessários na realização de entrevistas que englobam diversos espaços geográficos distantes uns dos outros e as modificações nas relações culturais e sociais que a tecnologia implica (SANTIAGO & MAGALHÃES, 2020). Esses pontos não anulam a necessidade de crítica deste método, por continuar sendo excludente com aqueles cuja *internet* ainda não é uma realidade. Mas é importante que permeiem nas discussões acadêmicas as alterações que ocorrem com o advento de uma sociedade tecnológica e suas implicações nas pesquisas, já que “mudanças tecnológicas reorientam hábitos, costumes e práticas medulares para a comunicação humana [...]” (SANTIAGO & MAGALHÃES, 2020, p. 5). Essas observações devem nos incitar a repensar os significados de ausência e presença, que ganham nova dimensão frente à pandemia de COVID-19, sendo que estas não estão

necessariamente ligadas ao distanciamento corporal/físico (SANTIAGO & MAGALHÃES, 2020).

Em conclusão, valer-se da metodologia de história oral, dentro das disputas de poder que ocorrem no campo da agricultura, pode agir enfocando o caráter factual da memória. Ou seja, oferecendo possibilidades de investigar a memória não só onde ela se caracteriza como significado, mas onde é acontecimento e ação (ALBERTI, 1996). O recriar das práticas agroecológicas, que ocorre por intermédio da memória do que já foi, dialoga com o ato de relembrar presente nas entrevistas orais. É por meio destas lembranças que os produtores resgatam sua cultura e entendem as modificações que ocorrem ao seu entorno, em suas comunidades e em suas propriedades. Os estudos que tratam dessa forma de convívio com o meio ambiente trazem junto de si o entendimento do valor atribuído às práticas de plantio e a saúde da terra. Preservar os espaços, questionando o presente a partir do relembrar do passado.

No que tange o presente trabalho, por meio de um roteiro básico com trinta e seis perguntas, cinco produtores foram entrevistados: Teodoro Wille Sobrinho, de 62 anos; Jair Ribeiro Xavier, de 42 anos; Edmilson Gil Oliveira, de 42 anos; Cléu de Aquino Ferreira, de 56 anos e Marino de Souza Nogueira, de 53 anos. Os entrevistados residem em Pelotas e Canguçu, logo o recorte geográfico do trabalho englobou estas duas regiões próximas, já que a comercialização de produtos advindos da agricultura se entrecruza. As questões propostas nas conversas com os agricultores buscaram compreender e responder ao objetivo do trabalho: o que os levou a optar pela agroecologia?

No primeiro momento, a intenção era realizar entrevistas de história oral de maneira presencial, no entanto devido à pandemia de COVID-19 não foi possível prosseguir com essa proposta. Sendo assim, as entrevistas *online* foram colocadas como opção junto dos produtores, que escolheram a melhor plataforma para a realização das perguntas. Optou-se pelo Google Forms e WhatsApp, locais que estavam mais familiarizados.

### **Narrativas de produtores**

É importante frisar que todos estão inseridos em espaços vinculados essencialmente à agricultura e realizam o manejo ecológico do solo, colocando que as pragas não ameaçam suas plantações. Assim, constroem ecossistemas que se auxiliam, e o controle de espécies danosas é efetuado pelos seus predadores naturais, que conseguem se desenvolver a níveis suficientes para alcançar um equilíbrio ecossistêmico. A construção de ambientes em que a

agricultura colabora com a natureza ao redor desmantela a justificativa para o uso de aditivos químicos, que agem destruindo insetos importantes para as plantações. Outros processos relatados são: reutilização de materiais orgânicos (compostagem), adubo de cama de aviário, introdução de sistemas agroflorestais<sup>5</sup> e cultivo mínimo. Quando esses métodos são aplicados, a fertilização da terra não fica mais dependente de químicos, o que torna os processos de plantio mais autônomos e sustentáveis, sem perder a produtividade desejada.

A satisfação financeira advinda da agroecologia é relatada pelos agricultores, sendo a qualidade de vida um fator constante nas conversas com os entrevistados. A expansão constante do agronegócio vem deixando sequelas irreparáveis no meio rural. Produtores endividados pela alta dos preços de insumos agrícolas ou expostos a agentes químicos vêm sendo levados ao limite de sua saúde, seja mental ou física.<sup>6</sup> Já quando nos deparamos com os relatos daqueles que praticam a agroecologia, observamos outra forma de vida, que permite uma relação mais saudável entre aqueles que a praticam. Mediante segurança financeira e alimentar, essa alternativa é essencial para a sobrevivência da agricultura.

Ao serem questionados sobre uma possível alteração no consumo, visto que suas produções seguiam padrões mais saudáveis, os produtores afirmam que já não é possível apenas produzir, a escolha chega ao consumo familiar. Assim, acabam consumindo de outros produtores orgânicos, expandindo suas relações de consumo, pautando-as em uma rede de apoio, ampliando a consciência ambiental e tornando este um estilo de vida, outra maneira de exercício de sua cidadania.

Com sua esposa e filha, Teodoro Wille Sobrinho, produtor de alimentos há 50 anos, reside em Canguçu. Sendo filho de produtores rurais, conta que passou por grandes dificuldades no início da sua comercialização, mas que chegou onde almejava, com muita perseverança. Sentindo a necessidade “de produzir um alimento limpo e ter uma qualidade de vida melhor” (SILVA, 2020, p. 26) optou pela produção agroecológica. Muitos produtores acabam optando pelo abandono do uso de agrotóxico devido às complicações de saúde causadas por estes. A preocupação de quem consome vem alertando os cientistas, pois já é de conhecimento que a exposição ou ingestão prolongada das substâncias contidas nesses produtos podem causar desde câncer até outras doenças. Segundo estudo realizado pelo

---

<sup>5</sup> De acordo com a EMBRAPA, Sistemas agroflorestais são formas de uso ou manejo da terra, nos quais se combinam espécies arbóreas (frutíferas e/ou madeireiras) com cultivos agrícolas e/ou criação de animais, de forma simultânea ou em determinados períodos promovendo assim melhorias ecológicas.

<sup>6</sup> Fonte: Repórter Brasil. Disponível em: <https://reporterbrasil.org.br/2020/10/depressao-e-suicidio-1569-brasileiros-se-mataram-tomando-agrotoxicos-na-ultima-decada/> Acessado em: 02/11/2020.

médico Higashi (2002), que acompanhou 124 pacientes, concluiu que em 100% dos indivíduos havia algum tipo de químico. Em concomitância com este estudo, o pesquisador Stertz (2004) relata que os hormônios, anabolizantes e antibióticos que são utilizados na criação de animais em confinamento e demais compostos químicos utilizados na agricultura, agem transformando a estrutura e os componentes nutricionais dos alimentos.

No Brasil, é obrigação dos Estados e Distritos regulamentar o consumo, os usos e a comercialização de agrotóxicos, previsto na lei Nº 7.802, de 11 de julho de 1989. Barbosa (2016) coloca que a partir do momento que órgãos governamentais informam sobre os produtos, acabam efetuando uma mudança nos hábitos alimentares, assim como da noção do que se caracteriza como saudável. O autor demonstra que no contexto brasileiro ocorre uma alteração nas políticas públicas, essas que antes se dirigiam para problemas de populações com rendas muito baixas, agora enfocam toda a população, na qual todos são afetados igualmente (BARBOSA, 2016). O Estado passa a ser mais presente nessas discussões, criando o Guia Alimentar para a População Brasileira (2014), tornando a questão da alimentação um dos direitos sociais dentro da constituição. Portanto, a ação de um órgão regulador, como por exemplo, a Agência Nacional de Vigilância Sanitária (ANVISA), age tornando acessível as informações acerca dos produtos para consumo. Em entrevista realizada em 2011, a ANVISA colaborou na alteração dos hábitos alimentares de 87% dos indivíduos que participaram da pesquisa (BARBOSA, 2016).

Portanto, quando Teodoro levanta a importância de produzir um alimento “limpo”, percebe-se que o discurso governamental desempenha papel fundamental na opinião da sociedade. É imprescindível que essa atuação ocorra junto dos consumidores, e essencial que também existam ações voltadas para os produtores. Todos os entrevistados neste artigo frisam que as transformações em seus cultivos obtiveram auxílio das extensões rurais. Atuando junto de pequenos produtores, esses projetos orientam e informam os agricultores sobre os malefícios do uso de químicos, tanto para a saúde de sua família, quanto os danos ao solo causados pelos produtos.

O segundo entrevistado, Jair Ribeiro Xavier, residente em Canguçu no Assentamento Renascer com seus dois filhos, é produtor de alimentos há trinta anos. Conta que já produziu dentro dos padrões da agricultura convencional, mas optou pelo agroecológico e hoje segue essas práticas. Quando conta os motivos que o levaram até a produção ecológica, diz que foi para “melhorar a saúde de quem produz e quem consome melhorando a qualidade de vida e agregando valor no alimento” (SILVA, 2020, p. 29). A fala de Teodoro se entrelaça com a de

Jair, sendo o primeiro a elencar o “limpo”, o segundo fala em “valor”. A semelhança das falas está associada à emergência de discursos pautados nos valores nutricionais dos alimentos, seus benefícios à saúde e o que levaram até a mesa do consumidor. Isso demonstra a preocupação dos produtores, bem como o senso de responsabilidade sobre como se cultivou os alimentos.

De acordo com estudos demonstrou-se que pessoas com maior poder aquisitivo e idosos buscam uma alimentação ecológica muitas vezes devido a doenças cardiovasculares ou obesidade (BARBOSA, 2007). Castañeda (2010) pontua que a busca por alimentos dando prioridade ao seu valor nutricional é parte de um movimento denominado *medicalização*, sendo o discurso médico focado na essencialidade de uma alimentação balanceada. Dessa forma, a importância não estaria na comida (tradição, sabor e gosto), mas sim no alimento (nutrientes e vitaminas). Por fim, outras características são almejadas no ato de consumir produtos naturais, valorizando assim o cultivo agroecológico, com todo o processo de plantio e colheita visando à manutenção de lavouras sem aditivo químico que agem como limitantes do “valor” do alimento.

O terceiro agricultor entrevistado, Marino de Souza Nogueira, solteiro, reside em Canguçu, junto de seus cinco filhos que também são agricultores. Produzindo alimentos há vinte e três anos, conta que optou pela agroecologia em “uma reunião da pastoral da terra e um curso em Ipê que decidi ficar na agricultura, por descobrir ser a minha vocação e missão. A terra foi uma conquista agroecológica” (SILVA, 2020, p. 29). Marino, além de exemplo da importância das extensões rurais, efetua o resgate de sementes e mudas nativas. Na conversa com o produtor, este constantemente relatou seu amor pela terra, buscando equilíbrio entre a natureza e o homem, sendo para ele essa a característica fundamental da agricultura.

Esse depoimento, junto dos outros levantados acima, demonstra a constante busca por transformação e melhorias na saúde do ambiente e dos consumidores. Em outras palavras, não bastaria apenas a saúde. O bem estar físico e mental tornam-se fundamentais, criando relações entre produtores e consumidores (BARBOSA, 2009). Consagrando essas redes como um local de denúncia ao caráter doentio presente na lógica de mercado, que exige uma alta produtividade. Em concordância com estudo realizado por Castañeda (2010), a busca por uma harmonia entre humano e meio ambiente, que se perde com a agricultura intensiva, também se enquadra na chamada *medicalização*. Nas entrevistas com produtores que começaram sua jornada na agricultura há mais tempo, a noção de perda que o agronegócio instaura à impureza presente nesse modelo é recorrente. Se analisadas, as inovações tecnológicas e

químicas que permeiam a agricultura moderna demonstram os motivos que levam os entrevistados a entenderem o ambiente ao redor com olhar mais crítico.

Edmilson Gil Oliveira, solteiro, junto de seu filho reside no 7º Distrito de Pelotas. Há três anos produz alimentos, e a transição para a agroecologia ainda está sendo desenvolvida na sua propriedade. “Segurança alimentar, proteção familiar e pensando no futuro do nosso planeta” (SILVA, 2020, p. 30) são os motivos da escolha pela agroecologia. Edmilson coloca que tem ajuda da Emater (Empresa de Assistência Técnica e Extensão Rural) e da Embrapa (Empresa Brasileira de Pesquisa Agropecuária), mas que ainda encontra algumas dificuldades. “Temos às vezes um produto um pouco mais “feio” que o convencional e o consumidor quer o produto sem manchas e grandes, dificultando um pouco para nós” (SILVA, 2020, p. 30).

Nossa sociedade é permeada por “imposições” de consumo, geradas pela globalização de produtos industrializados, e a propaganda sobre o que advém do campo sofre com esse impacto. A ideia pré-formada que é assimilada das propagandas, faz o consumidor procurar por padrões estéticos nas frutas, vegetais e legumes. Contudo, esses padrões só podem ser alcançados com o aditivo de químicos e processos industriais de produção, fazendo com que o consumidor abra mão do saudável em troca do esteticamente agradável. Logo, quando Edmilson levanta essa problemática, junto dele milhões de pequenos agricultores veem suas produções sendo descartadas, justamente por não seguirem um modelo industrial. Ao alcançar culturas que permaneçam presentes durante o ano todo nos hortifrúteis certamente uma ampla gama de agrotóxicos é utilizada no plantio. Isso ameaça a segurança alimentar das famílias, como colocado no depoimento dos entrevistados.

O último entrevistado, Cléo de Aquino Ferreira é produtor há vinte e nove anos. Morador de Canguçu, com sua esposa e dois filhos, conta que o motivo de optar pela agroecologia foi “porque esse sistema dialoga com meus princípios de cidadania, vida saudável, compromisso social e harmonia com os demais seres que compõe a natureza” (SILVA, 2020, p. 31). O produtor ainda relata que quando produzia de forma convencional, sofreu uma “alta exploração por parte da indústria, falta de tecnologias, difícil acesso ao mercado e (pouco) acesso à propriedade” (SILVA, 2020, p. 31). Quando o produtor levanta o compromisso social, dialoga com as mudanças que ocorrem no ato de consumo, quando a escolha passa a ser mediada de acordo com a saúde e a ética ambiental. Sabe-se que alguns processos não são sustentáveis, e o consumo do resultado desses modos de produção, implica na sua manutenção. Dessa maneira ao assumir responsabilidade sobre aquilo que se compra é

de conhecimento do indivíduo o impacto ambiental e as relações de poder que acabam afetando pequenos produtores (BARBOSA, 2016).

Barbosa (2006) coloca que o ato de consumir é um processo social, imbuído de mecanismos sociais que produzem identidades e sentidos. Portilho (2005) propõe que não cabe aos indivíduos o papel de ser responsável pela recuperação do meio ambiente, e que o discurso de consumo responsável pode tirar a evidência daqueles que de fato detém a capacidade de ação. Ao atribuir responsabilidades aos consumidores, o agronegócio consegue alcançar a magnitude política, já que não irá recair sobre ele a resolução de problemas ecológicos. Dessa forma, governantes são patrocinados por grandes multinacionais, que conseguem manejar os direitos ambientais a seu favor. Por fim, não que mobilizações individuais não devam ocorrer, mas que estas direcionam seu foco para transformações dentro das organizações dos centros de poder. É necessário que se reconheça o papel do agronegócio e sua influência em catástrofes climáticas, alimentares e ambientais. Quando posta em evidência, a agroecologia e os que a exercem podem demonstrar os caminhos para a construção de uma luta política centrada em solução democrática e socialmente adequada.

### **Considerações finais**

Adaptações nos modos de produzir são importantes na sobrevivência do pequeno agricultor, mas somente a criação de alternativas pode trazer opções aos moradores do campo. Os caminhos construídos pelos produtores aqui entrevistados constituem outra forma de perceber a realidade, e também de exercer seus direitos de cidadão, buscando não apenas possibilidades para suas terras serem mais saudáveis, mas pensando no conjunto de indivíduos que compõem suas relações de consumo e produção. Em conclusão, a metodologia de história oral se mostra uma boa forma de introduzir as transformações efetuadas pelas vivências destes sujeitos históricos que alcançam suas capacidades produtivas longe do aditivo químico. Esse artigo pretende ser um meio de troca entre saber universitário e popular, no qual juntos podem contribuir para um modelo que de fato alimente a sociedade, sem que o preço a pagar por isso seja a destruição sem limites do meio ambiente em torno.

### **Fontes Orais**

Entrevista realizada com Jair Ribeiro Xavier, no dia 20 de Agosto de 2020, por meio das plataformas de Formulários do Google e WhatsApp, em Pelotas. Entrevistadora: Lais Schillim da Silva.

Entrevista realizada com Teodoro Wille Sobrinho, no dia 13 de Agosto de 2020, por intermédio das plataformas de Formulários do Google e WhatsApp, em Pelotas. Entrevistadora: Lais Schillim da Silva.

Entrevista realizada com Cléu de Aquino Ferreira, no dia 07 de Agosto de 2020, por meio das plataformas de Formulários do Google e WhatsApp, em Pelotas. Entrevistadora: Lais Schillim da Silva.

Entrevista realizada com Edmilson Gil Oliveira, no dia 17 de Julho de 2020, por intermédio das plataformas de Formulários do Google e WhatsApp, em Pelotas. Entrevistadora: Lais Schillim da Silva.

Entrevista realizada com Marino de Souza Nogueira, no dia 28 de Agosto de 2020, por meio das plataformas de Formulários do Google e WhatsApp, em Pelotas. Entrevistadora: Lais Schillim da Silva.

### Sites

Mapa Biomas Brasil. Disponível em: <https://mapbiomas.org/>. Acesso em: 06 out. 2020.

Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE). Disponível em: <https://agenciadenoticias.ibge.gov.br/>. Acesso em: 06 out. 2020.

Repórter Brasil. Disponível em: <https://reporterbrasil.org.br/2020/10/depressao-e-suicidio-1569-brasileiros-se-mataram-tomando-agrotoxicos-na-ultima-decada/>. Acesso em: 02 nov. 2020.

### Referências Bibliográficas

ALBERTI, Verena. **O que documenta a fonte oral? Possibilidades para além da construção do passado.** Trabalho apresentado à mesa-redonda “Ouvir e narrar: métodos e práticas do trabalho com História Oral”, durante o II Seminário de História Oral promovido pelo Grupo de História Oral e pelo Centro de Estudos Mineiros da Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade Federal de Minas Gerais, em Belo Horizonte, de 19 a 20 de setembro de 1996. Disponível em: <http://bibliotecadigital.fgv.br/dspace/themes/Mirage2/pages/pdfjs/web/viewer.html?file=http://bibliotecadigital.fgv.br/dspace/bitstream/handle/10438/6767/869.pdf?sequence=1&isAllowed=y>. Acesso em: 15 out. 2020.

ANTUNES, Ricardo. Trabalho e precarização numa ordem neoliberal. *La Ciudadania Negada. Políticas de Exclusión en la Educación y el Trabajo*. Buenos Aires: CLACSO, 2000.

ASSIS, Renato Linhares; ROMEIRO, Ademar Ribeiro. Agroecologia e agricultura orgânica: controvérsias e tendências. **Desenvolvimento e Meio Ambiente**, n. 6, p. 67-80, jul./dez. 2002. Editora UFPR.

BARBOSA, Livia. Feijão com arroz na mesa dos brasileiros. **Horizontes Antropológicos**, Porto Alegre, ano 13, n. 28, p. 87-116, jul./dez. 2007. Disponível em: <https://www.scielo.br/pdf/ha/v13n28/a05v1328.pdf> Acesso em: 14 set. 2020.

BARBOSA, Livia. **A Ética e a Estética na Alimentação Contemporânea.** Produção, consumo e abastecimento de alimentos. 1.ed. – Porto Alegre: Editora UFRGS, 2016, v. 1, p. 95-123.

BARBOSA, Livia. **Sociedade de consumo.** Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2004.

BARBOSA, Lívia; CAMPBELL, Colin. (Org.). **Cultura, consumo e identidade**. São Paulo: Editora FGV. 2006.

CAPORAL, Francisco Roberto; COSTABENDER, José Antônio. **Agroecologia: alguns conceitos e princípios**. Brasília: MDA/SAF/DATER-IICA, 2004.

CHÃ, Ana Manoela. **Agronegócio e Indústria Cultural: estratégias das empresas para a construção da hegemonia**. 1.ed. – São Paulo: Expressão Popular, 2018.

CAPORAL, Francisco Roberto (org.); COSTABENDER, José Antônio R.; PAULUS, Gervásio. **Agroecologia: uma ciência do campo da complexidade**. Brasília: 2009.

CASTAÑEDA, Marcelo. A emergência dos alimentos orgânicos: relações com as tendências da alimentação contemporânea. Tendências e ideologias do consumo no mundo contemporâneo. **V ENEC – Encontro Nacional de Estudos do Consumo**. Set. 2010. Rio de Janeiro.

GUZMÁN CASADO, Gloria I.; GONZÁLEZ DE MOLINA NAVARRO, Manuel; SEVILLA GUZMÁN, Eduardo. **Introducción a la agroecología como desarrollo rural sostenible**. Madrid: Mundi-Prensa, 2000.

HECHT, Susanna B. A Evolução do pensamento agroecológico. In: ALTIERI, Miguel (Ed.). **Agroecologia: as bases científicas da agricultura alternativa**. Rio de Janeiro: PTA-FASE, 1989. p. 25-41.

HIGASHI, Tsutomu. Agrotóxicos e a saúde humana. **Agroecologia**, dez. 2001/jan. 2002, p.5-8.

MEIHY, José Carlos Sebe Bom. Os novos rumos da história oral: o caso brasileiro. **Revista de História**, n. 155, dez. 2006, p. 191-203. São Paulo, Brasil.

PORTILHO, Fátima. **Sustentabilidade ambiental, consumo e cidadania**. São Paulo: Cortez, 2005.

PASCHOAL, Adilson Dias. **Pragas, agrotóxicos e a crise ambiente: problemas e soluções**. 1. ed. – São Paulo: Expressão Popular, 2019.

SEVILLA GUZMÁN, Eduardo. A perspectiva sociológica em Agroecologia: uma sistematização de seus métodos e técnicas. **Agroecologia e Desenvolvimento Rural Sustentável**. Porto Alegre, v.3, n.1, jan./mar. 2002.

SANTHIAGO, Ricardo; MAGALHÃES, Valéria Barbosa de. Rompendo o isolamento: reflexões sobre história oral e entrevistas à distância. **Anos 90**, Porto Alegre, v. 27, 2020, p. 1-18.

SILVA, Lais Schillim. **“O trabalho com a natureza é puxado, mas compensa”**: Narrativas de produtores agroecológicos na cidade de Pelotas e Canguçu. 2020. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em História Bacharelado) - Instituto de Ciências Humanas, Universidade Federal de Pelotas, Pelotas, 2020.

STERTZ, Sonia Cachoeira. **Qualidade de hortícolas convencionais, orgânicas e hidropônicas produzidas e/ou comercializadas na Região Metropolitana de Curitiba, Paraná**. Curitiba. Universidade Federal do Paraná, Setor de Tecnologia. Tese de doutorado, 2004.

WALLACE, Rob. **Pandemia e Agronegócio: Doenças infecciosas, capitalismo e ciência**. Tradução Allan Rodrigo de Campos Silva. São Paulo: Editora Elefante, 2020.